

O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 2.º

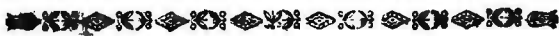
1.º DE SETEMBRO DE 1845.

N.º 17.

MINAS GERAES.

SERRA E ERMITARIO DO CARAÇA.

(Viagem de St. Hilaire.)



Aproveitei-me da minha estada em Itajuru para ir com Langsdorff Consul do imperio da Russia, visitar hum Eremitario celebre, qual o de N. S.ª Mãe dos Homens, situado na serra do Caraça.

Caminhando cinco leguas por hum paiz inculto, e deserto, chegámos ao arraial de S. Antonio do Ribeirão de St. Barbara situado junto ao rio do mesmo nome, povoação principal de huma freguezia, que comprehende seis igrejas filiaes, e 12000 habitantes. Facil é de ver que St. Barbara teve em outro tempo huma grande importancia; mas hoje está de tal sorte abandonado, que hum proprietario, possuidor de muitas casas neste lugar, me assegurou que ninguem as queria habitar, nem mesmo gratuitamente.

A meia legua de St. Barbara chegámos a St. Quiteria habitação que pertence ao coronel Antonio Thomaz de Figueiredo Neves. Esta habitação, bem como algumas outras fazendas, edificadas na época em que os Mineiros erao ainda opulentos, mais se assemelha ás nossas grandes casas de campo na Europa do que ás nossas quintas. Está situada ao pé do rio de St. Barbara entre morros pouco elevados. A excepção de hum pequeno jardim contiguo á dita habitação, nenhum outro traço de cultura se descobre ao redor della por isso que em todos estes lugares a terra foi bem revolvida, e excavada pelos exploradores do ouro. Os quartos da habitação não tem guarnições de tapeçaria; mas os relêvos, os aliza-

res das portas e as mesmas portas são pintadas imitando mármore; os tetos, que são forrados de madeira, contem pinturas grosseiras, representando grandes figuras, e arabescos.

Em casa do coronel Antonio Thomáz vimos huma baixella de prata perfeitamente trabalhada apresentando entre outras peças jarros de elegantissimo gosto. Esta baixella atrahio sobretudo a nossa attenção quando soubemos que ha muitos annos havia sido feita por artistas Mineiros no arraial de Catas Altas.

Huma prova de que os pontos elevados desta provincia são favoraveis aos fructos da Europa é, que em casa do coronel Antonio Thomáz promiscuamente nos apresentarão excellentes figos, maçãs de sabor agradável, e uvas pretas. Estas como todas as que se colhem na estação das chuvas, erão muito boas perem infinitamente mais aquozas e menos assucáradas do que as Europeas. Comemos tambem em St. Quiteria excellentes pão de trigo colhido a algumas leguas de distancia desta habitação. Despedindo nos do coronel Antonio Thomáz, seguimos no dia seguinte pelo rio de St. Barbara, que perde o seu nome para tomar os do lugar da Barra, e do arraial do Brumado, junto aos quaes tem o seu curso. Brumado, ou St. Anna do Brumado é huma das igrejas filiaes, e coadjutoras de S.ª Barbara, que como esta, só annuncia o abandono e a decadencia.

A pouca distancia do Brumado, começámos a subir morros cobertos de capim gordura, que pertencem já á serra do Caraça (1). A

[1] Termo portuguez, e Guarani.

Naquelle idioma significa — grande caracéa —; neste significa — desfiladeiro —

proporção que nos elevavamos, o horizonte prolongava se a nossos olhos; porém não descobriamos habitação alguma, nem cultura. Subindo sempre, encontrámos bosques; e as aguas avermelhadas de alguns regatos nos provirão que o ouro vinha se procurar até nestes mesmos lugares desertos. A estrada, que não é mais do que huma vereda, deve parecer mui escarpada aos que estão costumados aos camiños da Europa; entretanto, para a tornar mais transitavel, calçou-se em alguns lugares. A pouca distancia da capella de N. S.ª Mãe dos Homens principiámos a encontrar no meio dos rochedos mui bellas plantas, que ainda não conheciamos. Depois de havermos andado por espaço de duas horas desde St. Quiteria, chegámos em fim a huma especie de planicie onde se acha situado o Eremitario. Esta planicie, quasi circular e hum pouco desigual, é banhada por hum grande numero de ribeiros, e coberta de pastos semeados de alguns bosques. Posto que muito elevada acima da bacia onde corre o Brumado acha-se comtudo cercada por altas montanhas, que entre si não deixão mais passagem do que pelo lado por onde se entra, vindo de St. Barbara. Estas montanhas apresentam alguns bosques na sua faldá; mas o seu vertice só mostra rochedos nus entremeados de huma vegetação pouco abundante.

E' pois na entrada da referida planicie, que o Eremitario de N. Sr.ª Mãe dos Homens foi edificado. O viajante admira-se de descobrir repentinamente hum edificio tão vasto em huma tal altura, e tão remoto de toda a habitação. Apenas se chega, encontra-se huma plata-forma,

na frente da qual plantou-se huma serie de palmeiras, que entrelação sua elegante folhagem. Sobre esta plata forma elevão-se os edificios do Eremitario, separados em duas partes fazendo face huma á outra. Huma escada entre as duas porções do edificio conduz a hum terraço ao nivel com o primeiro andar das ditas duas partes, e com a igreja. Toda a frente do edificio tem vinte e tres passos, apresentando cada huma das alas dos lados da igreja seis janellas de sacada no primeiro andar. A escada tem dozoito degrãos; subindo-se os primeiros quatro, encontra-se hum grande pateo; e os quatorze degrãos, que se seguem mais estreitos que os primeiros, são acompanhados de cada lado por huma balaustrada de pedra, obra de muito bom gosto. Em roda do terraço ha tambem huma balaustrada semelhante á que deixo referido. Junto á porta da igreja ha huma especie de portico formado por dous pilares, que sustentão a tribuna onde se acha collocado o organo. A igreja é estreita, porém muito ornada, e possui mui ricas peças de prata, entre outras, grandes gandelabros de prata dourada. Ha hum corredor em forma de ferradura, ao redor da igreja, mas que com ella não communica, para o qual entra-se por duas portas exteriores, e nella se achão capellas de distancia em distancia. Em cada altar ha huma imagem de páo, pintada que representa a Jesuz Christo nos passos da sua paixão. Estas imagens estão mui longe do primôr da arte; entretanto, possuem expressão bastante para facilmente se reconhecer por ella a intenção do artista; e

não é possível deixar de as admirar, sabendo-se que forão esculpidas por hum homem que não tinha modelo algum para imitar, e que vivia na solidão junto ás fronteiras limitrophes dos Boticudos. As duas capellas mais notaveis, e ornadas com maior riqueza achão-se fóra do corredor, que acabo de descrever; e estão collocadas huma defrente da outra no fundo dos edificios do Eremitario, ao nivel com o pórtico, que faz parte da igreja. No altar da capella á direita ha muitas imagens de páo, que representão passos Paixão; e na capella da esquerda ha huma imagem de cera sumptuosamente revestida, que encerra reliquias recebidas de Roma.

A habitação terrea do Eremitario foi destinada para armazens, e repartições para escravos. O primeiro andar dividio se em cellas para os eremitas, e viajantes que a devoção, ou a curiosidade tráz a estas montanhas.

Tal é o Eremitario de N. Sra. Mãi dos Homens. Este estabelecimento data pouco mais de 40 annos. O seu fundador ainda vivia na época da nossa viagem tendo de idade 92 annos. Este homem, nascido em Portugal, retirou-se primeiramente ás montanhas de N. Sra. da Piedade ao pé de Sabará; fez huma viagem a N. Sra. Mãi dos Homens; e maravilhado da singularidade do sitio, ali se resolveo a edificar hum templo. Tinha elle então de idade mais de 40 annos. Possuia oito mil cruzados; mas não sendo sufficientes para a execução do seu plano, soube communicar o seu enthusiasmo de tal sorte aos habitantes do paiz, que as esmolas concorrêrão tao superabun-

dantes, que proporcionarão immediatamente a construcção do edificio. Este estabelecimento adquirio logo escravos, o gado; a igreja ornou-se, e addicionou-se-lhe hum orgão; o Eremitario foi provido de tudo o que era indispensavel para receber os viajantes; nem mesmo foi exceptuado o proprio serviço de prata.

O fundador Lourenço recebeu a regra da Ordem 3.^a de S. Francisco; e dez frades vierão reunir se-lhe. Contudo, o esplendor desta especie de mosteiro foi de curta duração: o irmão Lourenço não meditou sensatamente no futuro. A' excepção de duas eremitas todos os outros fallecerão, sem que pessoa alguma os substituisse. Nenhuma recordação do passado, se reunia já a este Eremitario, a devoção dos habitantes do paiz havia esfriado quando a idade não permittia ao irmão Lourenço reanimá-la; as peregrinações tornarão-se mais raras; as esmolas cessarão; e estas grandes construcções tão modernas deixão vêr por toda a parte traços de ancianidade. Ellas seguirão o destino do seu fundador, e declinarão á medida que os annos pesavaõ sobre a sua cabeça. Este velho ainda caminha errante como hum sombra por essas galerias, que o seu zelo povoava outr'ora d'eremitas e peregrinos; o seu cerebro enfraqueceo-se; a sua voz apenas se ouve; a sua existencia desaparecerá em poucos momentos; e então, qual a sorte do estabelecimento que suas mãos haviaõ fundado? (2)

Alguns a cousa ha de mysterioso na vida do irmão Lourenço; hum dos

[2] O irmão Lourenço legou-o ao Rei, e os Missionarios de S. Vicente de Paula não estabelecer-se no dito Eremitario.

governadores da provincia, em cuja época viveo testemunhava-lhe a maior consideração; e suspeita-se ser do huma familia, que no ministerio do Marquez de Pombal, fôra sentenciado por crime de alta traição. Eu contemplava este velho segurando-se na balaustrada do terraço do seu mosteiro; hum palmeira lhe prestava sua sombra; sua cabeça jazia curvada sobre o peito; mas seus olhos revelavaõ ainda o fogo, que outr'ora os animára; hum bordão de jacarandá, mais negro que o ébano, ajudava-o a supportar o peso de seu corpo; elle parecia estar submergido em graves reflexões, e talvez accusava nos seus pensamentos não tanto a rapidez do tempo, como a inconstancia dos homens. Chegára aos ouvidos do irmão Lourenço o nome do heroe extraordinario, que reinou na França; e sahido do seu lethargo, perguntou-nos qual fôra a sorte de Napoleão depois que se entregára á Grã-Bretanha. Os bemfeitores da humanidade vivem desconhecidos; mas o temor não é discreto como o reconhecimento; o renome dos conquistadores vão aos lugares mais ignorados, qual o estrondo do trovão, que ao longe se faz ouvir, e que por toda a parte diffunde o terror.

No dia seguinte; depois da nossa chegada, fui ver hum fonte d'agua ferrea de que se poderia tirar grande vantagem; passei todo o dia a herborisar nos arredores do Eremitario; e, segundo a natureza da vegetação, julgo que a planicie, onde elle se acha situado, terá a mesma altura que Villa Rica. Ao terceiro dia subimos hum das altas montanhas que cercaõ esta planicie. A' proporção da subida a vegetação tornava-se menos vigorosa, e mais

variada; e successivamente a vimos mudar em diferentes alturas. Chegando ao cimo do pico, que parece elevar-se a 6,000 pés sobre o nivel do mar, descobrimos huma dessas immensas vistas mais portentosas por sua extençãõ, do que agradaveis por sua belleza. Nós dominavamos huma longa serie de morros sem habitaçãõ, nem cultura; e os nossos olhos em

vão procuravaõ algum ponto onde podessem repousar.

Voltei para o Eremitario com 70 especies de plantas, que ainda não possuia, gastei a noite em descrever as partes mais delicadas de hum grande numero dellas á luz avermelhada de huma sombria lampada, e regressámos a Itajurú.



F O L H E T I M .

O VELHO MENDIGO.

A' porta da cathedral de S. João de Lyão via-se em outro tempo hum velho mendigo, que havia vinte e cinco annos vinha regularmente todos os dias sentar-se no mesmo lugar. Os fieis estavam já tão acostumados a vel-o, que lhes parecia ser hum dos ornamentos do portal da santa basilica, como as estatuas de pedra em seus gothicos nichos. João Luiz era o seu nome. De seus farrapos reflectia certa dignidade que revelava huma educação superior á que geralmente acompanha a miseria. Tambem no meio d'esta clientella abandonada pelas populações, que cada igreja abriga debaixo de suas azas maternas, o velho mendigo gozava d'huma certa consideração, fortificada por sua equidade na partilha das esmolas, unica beneficencia do pobre para com o pobre, e por seu zelo em apasignar as queixas que algumas vezes havia entre seus companheiros de miseria. Sua vida e suas desgraças erao hum mysterio para todo o mundo; huma unica cousa se sa-

bia: João Luiz não punha nunca o pé na igreja; e João Luiz era catholico. No momento das ceremonias religiosas, quando as orações se elevavão fervorosas ao céu com o perfume das flores e o incenso dos jovens levitas; quando os canticos piedosos retumbavão pela larga abobada da gothica nave; quando a voz grave e melodiosa do orgão sustentava o choro solemne dos fieis, o velho mendigo se sentia obrigado a confundir sua oração com a da igreja. O encanto profundo ligado ao aspecto sombrio e recolhido da velha cathedral o reflexo fantastico do sol atravez de coradas vidraças a sombra dos pilares, postos ha seculos como hum symbolo da eternidade da religião, o altar elevado sobre numerosos degrãos, e que lhe apparecia no fundo da nave resplandecente com a luz das toxas e com o esmalte das flores, tudo enchia o velho mendigo d'huma inexprimivel admiração; as lagrimas inundavão as rugas de seu rosto. Huma grande desgraça ou

hum grande remor-o parecia agitar sua alma. No tempo da primitiva igreja o terião por algum criminoso condemnado a exilar-se da assembléa dos fieis, e a andar, sombra silenciosa em meio dos vivos.

Hum padre velho ia todas as manhãs a S. João dizer missa. Dava abundantes esmolos, e entre os pobres habituados da velha cathedral, João Luiz era para elle hum objecto de privilegiada affeição.

Hum dia João Luiz não appareceu em seu costumado lugar. O padre Sorel, não querendo perder sua esmola, que era para elle hum renda quotidiana indaga onde mora o velho mendigo e vai lá ter. Qual não é sua surpresa achando em lugar d'hum miseravel morada hum sumptuoso quarto, e n'hum canto, no meio de todos os objectos de luxo inventados pelo rico feliz hum pouca de palha onde jasia o velho mendigo!...

A presença do padre reanimou o velho que com voz reconhecida exclamou: — Senhor padre, tivestes a bondade de lembrar-vos d'hum desgraçado!

— Meu amigo, responde o padre Sorel, hum padre só se esquece dos felizes do mundo. Venho saber se necessitae d'alguns soccorros.

— De nada necessito: minha morte será breve: só minha consciencia não se acha tranquilla!

— Vossa consciencia! tereis de expiar alguma grande falta?

— Hum crime hum crime enorme do qual toda a minha vida tem sido cruel e inutil expiação; hum crime imperdoavel!

— Não ha crime imperdoavel! exclama o padre com enthusiasmo:

Dauidar da misericordia divina é huma blasphemia mais horrivel que vosso crime. A religiao estende os braços ao arrependimento. Meu irmao, tende confiança em Deus, e se muito peccastes muito se vos perdoará, que o peccador arrependido tem ainda mais direito á misericordia divina do que o homem que nunca commetteo falta.

— Pois bem diz o mendigo depois de alguns penosos esforços, vós ides ouvir huma historia horrivel, mas não é a hum padre que quero confial-a, é a hum homem que n'este momento terrivel me estende mão amiga; pois deveis saber que sou indigno dos sacramentos e das orações da igreja. Oh! todavia acrescentou elle, e hum raio de esperanza brilhou em seu rosto, todavia se depois de me haverdes ouvido como homem, julgardes que podeis lançar sobre mim a benção do padre... eu vos obedeçerei... humilhar-me hei ante vós... e vós me ajudareis a morrer.

” Sou filho d'hum pobre lenhador de Borgenha honrado com a affeição do senhor da nossa aldeia. Desde minha infancia fui acolhido no castello do senhor conde, e destinado a ser o criado grave de seu filho. A educação que me deram, meus progressos rapidos no estudo, e sobretudo a benevolencia de meus mestres, mudaram meu estado; fui elevado a secretario. Entrei nos meus vinte annos quando rebentou a revolução. Esclarecido pelas idéas do dia, minha ambição despresou minha posição precaria. O furor revolucionario transbordou de Pariz pelas provincias. O senhor conde, temendo ser preso em seu castello, des-

pedio seus criados, e veio com sua familia refugiar-se em Lyao. Elle esperava no meio desta vasta população escapar por esquecimento ao cadafalso. Filho da casa, eu o havia seguido. O terror reinava em todo o seu poder e ninguem sabia do refugio de meus amos. O confisco havia devorado seus bens; mas pouco lhes importava isto: estavam todos reunidos, tranquilos, desconhecidos. Animados d'hum só viva na Providencia, elles esperavam hum céo mais clemente. Va esperança! A unica pecca em estado de revelar seu segredo e de arrancal-os de seu asylo teve a vileza de os denunciar. Este delator fui eu!...

O pai, a mãe, duas filhas, anjos adornados de belleza e innocencia, hum joven de dez annos, todos foram sepultados em huma prisão. O mais sutil pretexto sohejava então para condemnar o innocente á morte; entretanto, o accusador publico não achava hum motivo para accusar esta nobre e bella familia: hum homem se encontrou iniciado nas confidencias do lar domestico, das mais simples circumstancias de sua vida fez crime, e inventou o crime de conspiração contra a republica. Este calumniador fui eu!...

A fatal sentença foi pronunciada, só o filho era poupado. Orphão, desgraçado, destinado a chorar toda a sua familia e a amaldiçoar seu assassino, se o houve-se conhecido!

Resignada e consolando se com suas virtudes, esta ineliz familia esperava a morte nas prisões. Houve esquecimento na ordem das execuções e se hum homem impaciente para se enriquecer com alguns despejos,

não se houvesse encontrado, sua vida escapára ao cadafalso: estavamos na vespera do dia 9 thermidor. Mas esse homem foi ao tribunal revolucionario e fez retificar o erro; seu zelo teve em recompensa hum certificado de civismo. Este revelador fui eu!...

Na tarde do mesmo dia, a fatal carroça arrastou á morte esta nobre familia. O pai, com o rosto carregado de profunda dôr occultava em seus braços sua filha mais moça; a mãe, mulher forte e christa apertava em seu peito sua filha mais velha, e todas confundindo suas lembranças, suas lagrimas suas esperanças, repetião a oração dos mortos. Como era tarde, o executor das altas obras havia confiado a hum de seus criados esta terrivel execução; pouco acostumado ao horroroso trabalho, o criado no caminho implorou a assistencia de hum homem que passava; hum homem de boa vontade se prestou a ajudal-o em seu ignobil ministerio. Esse homem que passava e se fez carrasco sou eu!...

O preço de tantos crimes, heil-o aqui! Todas estas riquezas que haviam pertencido a meus antigos amos, e que me parecião cobertas com seu sangue, estão aqui fechadas comigo ha vinte e cinco annos, para que os cruéis remorsos que a cada instante ellas agivao em minha alma comecassem minha expiação. Entre os homens eu quiz apparecer como hum miseravel mendigo, e coberto de farrapos, soffrer huma após outra todas as humilhações da pobreza. A caridade publica me dotou com hum lugar á porta da igreja onde passei tantos annos. A recordação de meu crime era tão pungente que, deses-

perando da bondade divina, nunca me atrevi a implorar as consolações da religião nem manchar o santuario com minha presença. Oh! como foi longo e profundo meu arrependimento! mas é impotente! Senhor padre, pensaes que eu possa esperar de Deos o meu perdão?..

— Meu filho vosso crime é espantoso as circumstancias são atrozes. Os orphaos, privados de seus pais pela revolução comprehendem mais que ninguem que dôres traspasarão vossas victimas. Huma vida inteira passada em lagrimas não é muito para a expiação de tal crime. Entretanto, os thesouros da misericordia divina são immensos. Graças ao vosso arrependimento, tende confiança na inexgotavel bondade de Deos.

O velho mendigo como animado de nova vida; se levanta, e caminhando para hum quadro: — Vede, meu padre, a imagem de minhas victimas diz arrancando hum crepe que o cobria. Acreditais que ellas não impedirão que minhas orações cheguem a Deos?

A esta vista o padre Sorel de Valriant deixa escapar estas palavras: — Meu pai! minha mãe!

A recordação desta horrivel catastrophe, a presença do assassino, a vista destes objectos que despedaçam a alma se apoderão do padre, e, cedendo a hum desfallecimento involuntario, cahê sobre huma cadeira. Com a cabeça encostada em suas mãos derrama abundantes lagrimas; profunda ferida sangrava ainda em seu coração!..

O velho mendigo, aterrado, não se atrevendo a levantar os olhos para o filho de seus amos, para o juiz

terrivel irritado que lhe devia antes colora do que perdão, rolava a seus pés, molhava-os com suas lagrimas! e repetia com voz desesperada: — Meu amo, meu amo!

O padre esforçava-se, sem olhar para elle, por comprimir sua dôr.

O mendigo exclama: — Sim, eu sou hum assassino, hum monstro; hum infame..: Senhor padre, disponde de minha vida, que devo fazer para vingar-vos?

— Vingar-me! torna o padre tendo voltado a si com estas palavras, vingar-me, desgraçado!..

— E não tinha eu razão de dizer que meu crime estava acima do perdão? Eu bem sabia que mesmo a religião me rejeitaria de seu seio. De nada vale o arrependimento para hum criminoso da minha especie. Não ha perdão, não ha perdão!

Estas ultimas palavras lembrão na alma do padre sua missão e seus deveres. A luta entre a dôr filial e o exercicio do poder sagrado cessa immediatamente. A fraqueza humana havia reclamado por hum instante as lagrimas do filho enterrecido, a religião sustenta a alma forte do padre. Pega no Christo herança paterna que havia cahido nas mãos d'este desgraçado, e, apresentando-o ao velho mendigo, diz com voz forte e commovida:

— Christão, vosso arrependimento é sincero?

— Sim, meu padre.

— Tendes horror profundo a vosso crime?

— Sim, meu padre.

— Deos immolado pelos homens sobre esta cruz vos perdôa.

Então o padre, com huma mão levantada sobre o penitente, tendo

na outra o signal de nossa redempção, fez descer a clemencia divina sobre o assassino de toda a sua familia.

Com a fite voltada para a terra, o velho mendigo permanecia immovel aos pés do sacerdote. Este lhe estendeu a mão para levantá-lo: — Elle estava morto!



MEMORIA SOBRE O MATHODO DE FAZER MANTEIGA. (1)

Em tantas obras se encontra descrito o methodo de fabricar a manteiga, que ocioso pareceria tratar de novo semelhante materia, se a experiencia não tivesse demonstrado que o paiz, em que vivemos, exige certas modificações nesta industria, que ainda muito atrasada está pela escassez de leite, e pela alta temperatura da atmosphera, que tambem he hum poderoso obstaculo para se obterem bons resultados.

Para se fazer boa manteiga he summamente importante haver desvelado e minucioso cuidado no asseio das vacas, do leite, e das vasilhas destinadas a contello. Destas as melhores são as de louça de pó de pedo, ou alguidares de barro vidrado, que sempre devem ser lavados com agua fervendo todas as vezes que se despejar leite ou creme, que nellas se tenha demorado.

Quando a temperatura atmospherica estiver acima de 80 grãos do Thermometro Fahrenheit, não se pode obter boa manteiga; e passando de

84 ou 85 he quasi impossivel conseguir-se a separação da manteiga do soro do leite; sem a qual nunca ella toma consistencia, nem a cor amarella, e por isso he, que tao grande difficuldade se encontra em fazer manteiga no estio, podendo-se só conseguir isso em situações elevadas e sombrias, em que a temperatura for mais baixa do que os grãos indicados. He essa tambem a razão, por que as paragens mais favoraveis para semelhante fabricação serão sempre as montanhas cobertas de bosques, com abundantes aguas de cachoeiras nas quaes se possa refrescar o creme antes de o bater.

A melhor manteiga que tem apparecido feita no Rio de Janeiro, e que em nada era inferior ás melhores manteigas frescas da Irlanda, Holanda e França, foi sem duvida a que fazia minha prezada e defunta Tia a Condessa de Roquefeuil na sua fazenda da Tejuca. Passarei a descrever os meios por ella empregados.

Duas vacas, nativas da Bretanha, parte do dia e toda a noite alimentadas no curral com capim de varias qualidades, folhas de hortoficas e humma pequena ração de farelo, ou de bolacha avariada, erao ordenhadas duas e tres vezes por dia. O leite passado por humma peneira bem fina de folha de Flandres, despejava-se em tigelas, collocadas no lugar o mais fresco da casa, para dar tempo á ascensão do creme que levava mais ou menos horas em separar-se do soro, segundo o estado da temperatura do ar e outras circumstancias que não he facil explicar; poucas vezes porem gastava

(1) Esta memoria foi apresentada, por hum illustre autor, o conde de Gestas, á sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.

essa separação menos de 6 horas, e algumas vezes houve em que só se effectuou depois de mais de vinte. Só a pratica he que ensina a conhecer o momento opportuno para tirar o creme, operação essencial, que, praticada antes do momento proprio, faz perder a porção d'elle, que ainda não tenha subido e feita, passado o tempo conveniente, poem em risco a qualidade da manteiga, tendo então o leite já hum principio de azedume, que pode haver communicado ao creme.

Tira-se este com huma colher de prata de cima das tigelas, e deita-se em huma especie de balde ou cantimplora de pinho, com a boca mais estreita quo o fundo, sendo o diametro deste pouco mais ou menos a quarta parte da altura. Tapa-se a boca desta vasilha o mais exactamente possivel com huma rodinha de pão de tirar e pôr no centro da qual ha hum furo, por onde passa o cabo de outra roda de madeira unida de varios furos, que trabalha no interior da cantimplora ou balde, jogando de cima para baixo, e de baixo para cima, em bater o creme.

Esta vasilha, proporcionada em tamanho á quantidade de creme, que se ha-de converter em manteiga a qual nunca deve exceder, ou passar para cima da ametade da altura da vasilha, era mettida de verão, ou em dias quentes, em agua corrente, a mais fria possivel, durante huma noite e ás vezes mais, conforme a hora de se fazer a manteiga, ou a em que se tirava o creme. Esta preparação, ou refrigeração de creme na vasilha, era de grande importancia para se obter a necessaria consistencia da materia, e para alcan-

çar com promptidão a sua conglomeração, e separação do liquido vulgarmente chamado leite de manteiga. A operação de bater o creme não tem duração certa; em tempo mais favoravel dura 15 ou 20 minutos, humas vezes leva 30. e outras excede a huma hora, o que acontece em tempos quentes, com ventos do Noroeste, ou ameaças de trovoadas; nesses casos a manteiga não se faz com perfeição, antes conserva bastante leite, que pode extrair-se com repetidas lavagens.

Esta ultima operação, a da lavagem, é da maior importancia, é essencial para se obter perfeito producto. Logo que se julga que o creme foi sufficientemente batido, e estando já conglomerado, despeja-se a materia contida no balde ou cantimplora, havendo o cuidado de não deixar parte alguma da manteiga espalhada no liquido, mas apertando-as com a colher, reúnem-se em huma bacia de pó de pedra cheia de agua bem fria, e nella se amassa a manteiga com huma colher de pau; logo que a agua, em consequencia desta amassadura, principia a tornar-se esbranquiçada, lança-se fora e toma-se outra, continuando assim até a manteiga ter tomado consistencia e côr; vindo por fim ella a fazer-se tanto mais dura e amarella, quanto mais repetida for essa operação, que em verdade, diminue a quantidade, mas que faz lucrar na qualidade, linda vista, e conservação.

Indispensavel é para se obter boa manteiga o não misturar cremes de leites mungidos em épocas differentes, como praticão aquelles, que para obterem maior quantidade, guardão os cremes de hum dia para outro

sendo a consequencia desta pessima especulacao o estar hum já azedo ou rançoso e communicar o seu máo gosto ao producto do todo. E' esta pratica viciosa quem produz as detestaveis manteigas, que ás vezes apparecem.

Tambem não é indifferente a escolha da materia, de que deve ser feita a vasilha, em que se bate a manteiga; chamada em francez *Barratte*. A experiencia tem mostrado que o pinho é preferivel ao tapinhos, e este aos vasos vidrados aliás mais commodos para o asseio. mas em que o creme gasta muito tempo em se conglomerar.

E' impossivel dizer a porção de manteiga que deve render huma quantidade determinada de leite; depende disso da qualidade deste, da bondade da vacca, do seu alimento, e em fim do gráo de perfeição a que se quizer levar a manteiga, que quanto mais lavada for a menos se reduzirá, como deixamos dito.

COMBATES DE FORMIGAS.

Hum naturalista faz a seguinte narração de huma batalha que presenciou entre formigas de especies diferentes « Estes insectos ao aproximarem-se para a luta, marchavão na melhor ordem. De hum lado havia a *formiga ruiva*, formada a hum de fundo em huma linha de dez a doze pés de comprimento, flanqueada por differentes corpos dispostos em quadrados e compostos de 20 a 60 combatentes. Ve-se que estas formigas affectavão aquillo a que o cavalheiro Folard chamava ordem diminuta.

Do outro lado era huma especie

mais pequena, a *preta*, porem mais numerosa. Tinha huma linha muito mais extensa, ainda que estivesse formada a tres de fundo. Esta disposição mais atilada, approximava-se mais da ordem profunda. As *pretas* deixáráo alguns destacamentos perto do seu formigueiro para defendê-lo contra qualquer ataque imprevisto; flanquearáo a grande linha sobre a direita com hum corpo completo de algumas centenas de combatentes, e collocaráo na esquerda hum outro corpo de mais de mil.

Estes dous corpos lateraes não tomárao parte alguma na acção principal; mas o da ala esquerda manobrava de maneira que podesse cortar o exercito do inimigo; avançou rapidamente para o formigueiro das *ruivas* e tomou-o de assalto.

Os dous exercitos atacárao-se com furor, e combatêráo por muito tempo sem romperem as linhas. Por fim introduzio-se a desordem em differentes pontos, e continuou a batalha em grupos destacados. Depois de sangui-nolento combate, que durou quatro horas, foraõ as *ruivas* postas em completa derrota.

O que de mais interessante havia nesta scena singular, era ver estes insectos fazerem prisioneiros de hum e outro lado, e transportar os feridos para a retaguarda. Mostrávaõ tanta devoção pelos seus feridos, que as *ruivas* ao transporta-los se deixavão matar sem resistencia pelo inimigo, mas nunca os abandonavão.

Quando hum formigueiro vem assim a ser tomado pelo inimigo, ficaõ os vencidos reduzidos á escravidão, e saõ empregados no exterior e nos trabalhos domesticos.

TABELLA.

Do capital que terá o Accionista da Caixa Economica, que entrad para ella com as entradas de 20.000, 60.000, ou 100.000 reis, pela primeira vez, e 2.000, 6.000, ou 10.000 reis semanalmente, deizando accumular os dividendos, calculando-se o premio de 1 por cento ao mez. (1)

Numero de Annos.	Entrada de 20.000 rs. e semanalmente 2.000 rs	Entrada de 60.000 rs. e semanalmente 6.000 rs.	Entrada de 100.000 rs. e semanalmente 10.000 rs.
1	136.000	390.000	650.000
2	256.000	768.000	1.280.000
3	398.000	1.194.000	1.990.000
4	558.000	1.674.000	2.790.000
5	788.000	2.214.000	3.690.000
6	940.000	2.820.000	4.700.000
7	1.166.000	3.498.000	5.830.000
8	1.420.000	4.260.000	7.100.000
9	1.702.000	5.106.000	8.510.000
10	2.024.000	6.072.000	10.120.000
11	2.384.000	7.152.000	11.920.000
12	2.788.000	8.364.000	13.940.000
13	3.244.000	9.732.000	16.220.000
14	3.762.000	11.268.000	18.780.000
15	4.330.000	12.990.000	21.650.000
16	4.874.000	14.922.000	24.870.000
17	5.500.000	17.100.000	28.500.000
18	6.516.000	19.548.000	32.580.000
19	7.430.000	22.290.000	37.150.000
20	8.450.000	25.380.000	42.300.000

(1) Este calculo parecerá exagerado aos que tiverem em vista o rendimento da caixa economica do Ouro Preto, o qual supponho que nunca excede de 10 por cento ao anno; porem sabemos que a caixa economica do Rio de Janeiro tem rendido 1 e 1/4 por cento ao mez.

POESIA.

A EXPERIENCIA.

Experiencia ! Medico tardio,
Tua voz util fôra se mais cedo
Em nossa alma soasse !

De tropeço em tropeço vai-se a vida,
Como o rio entre seixos se despenha:
Nada o curso lhe tolhe.

Das paixões o marulho estrepitoso,
Como o som da cascata caudalosa,
Cobre, abafa teu echo.

Em jogo pueril vendando os olhos,
O infante, na planicie, em balde esaaia
Da estrada andai em meio.

Angulos forma, almas s'esbarra a hum troneo;
Assim andamos nós olhi-vendados
Pela estrada da vida !

Perto do precipicio a venda cai-nos,
Quando nas suas lubricas crateras
Já nossos pes deslizão !

Vem a velhice, que melhor te escuta;
Reflectimos então; porem que importa!
O tempo é já passado !

De que serve ao cadaver o remedio ?
Hum meste ao moribundo ? hum guia áquelle
Que marcha ao cemiterio ?

(Magalhães.)

OS INTRIGANTES.

De todos os vícios desconhecidos entre os povos selvagens, a intriga é aquella do qual se pôde allí menos supportar a existencia. Possuimos hum vocabulario polyglotto de quasi todos os idiomas das povoações das duas Americas, e nelle não encontrámos hum sóca palavra, que possa, não dizemos exprimir, mas só dar huma idéa daquella que nós ligamos á palavra *intrigante*. Se se dissesse a hum habitante das margens do *Missouri*, empregando huma longa paraphrasi, que existe huma classe numerosa de homens tao industriosos para obter por astucia, o que se não deve conceder senão ao talento e ao merecimento; que têm reduzido a preceito a arte de enganar e fingir; que especulam sobre a boa fé dos outros; e que provão, contra o axioma dos mathematicos, que a linha curva é a mais curta para chegarem ao fim a que se propõem; que pelo meio desta sciencia de intriga passão em pouco tempo da miseria á opulencia, do desprezo á mais alta consideração, e d'huma triste habitação a hum palacio: se dissessem a este filho dos bosques, que a intriga a plana todas as difficuldades; approxima todas as distancias; distribue todos os titulos; abre todas as portas, desde aquellas do escrivão d'aldéa até ás do palacio do Soberano; o vosso selvagem, maravilhado com semelhantes prodigios, desejaria, sem duvida que lhe communicassem os segredos da arte que os opéra. Mas se lhe juntassem que é necessario começar por votar a sua vida inteira nos remorsos, e á vergonha; que é necessario pagar cada hum destes successos, por huma injustiça ou por huma

infamia; que é necessario saber, em caso preciso, sacrificar a sua patria, os seus amigos, a sua familia, devorar affrontas, supportar injurias, mendixar desprezos; que é necessario ter hum caracter volúvel, proprio a receber todas as mudanças, mesmo a da probidade; que é necessario saber ayultar-se entre os caprichos dos grandes, e os da canalha; estou bem certo, que o habitante dos bosques a quem se offerencia thesouros, e palacios por este preço, bem depressa pediria as suas florestas, e a sua cabana, unico asylo onde a intriga não penetra.

O homem das botas e o homem dos sapatos.

Chegando certo ratoneiro a hum hospedaria, mandou chamar hum sapateiro para lhe comprar humas botas, e tendo escolhido hum par, lhe perguntou o seu custo, accrescentando que lhe não podia pagar naquella semana: Não querendo o sapateiro estar pelo ajuste, pediu-lhe as botas. O ratoneiro, em lugar de lhe obedecer, deitou a correr pela rua fóra e o sapateiro atraz delle, gritando: *Peguem nesse homem.*—Porem no momento em que lhe íão deitar a mão, exclamou este: *Não me agarrem, não me agarrem, pois nós apostámos a quem havia de correr mais, eu de botas, e elle de sapatos.*—Então vendo todos que o ladrão levava grande dianteira, exclamáráo: *O das botas é quem fica bem na aposta.*—E não se enganarão.

Subtileza de hum Gascão para apanhar hum jantar.

Em quanto se fazia a ponte nova

em Paris, e ouvindo certo Gasco fallar aos empregariõs a respeito de hum grande jantar que lhes deviao dar, poz-se a medir o comprimento da ponte, sem dizer palavra Os empregariõs, julgando-o grande entendedor na materia, convidarãõ no para o dito jantar, ao que elle immediatamente annuo. Depois da comida disserãõ lhe que bem se via que elle tinha alguma idéa acerca da sua obra, que talvez podesse aperfeicõa-la. E' verdade, disse então o Gascoõ, levantando se da mesa, que eu estava pensando que vms. fizerãõ muito bem de emprehender a ponte a largura do rio, porque se a tivessem emprehendido ao comprimento, decerto nunca conseguirãõ acabala. E dizendo isto sahio pela porta fóra, deixando a todos envergonhados do logro em que cahião.

Logogripho.

Aqui tens hum logogripho,
Meu curioso Leitor,
Que tendo syllabas quatro
Não pude fazer maior.

Trabalha por decifra-lo
Que elle tem delicadeza,
Quatorze palavras formo,
Que pedem tua agudeza.

No fogo n'agua, e na terra
Tem lugar minha primeira,
E os elementos affronta
Sendo de ferro, ou madeira.

A segunda fórma laços;
Já d'Asia prendeo os fados;
Existe em toda a madeira;
E' terrivel aos malvados.

A terceira é do ar contraria,
Das mesmas partes formada:
E sendo mais dura que elle
Reduz-se por fim a nada.

Não pôde a quarta ser santa,
Nem amigos ter que a prezem;
Tem das cobras a bondade
E merece que a desprezem.

Primeira e segunda é droga,
Mas não se vende em drogri,sta
E' tecido, e os *petit maitres*
Fazem delle muita vista.

Segunda e terceira é funda,
Rega as hortas e os pomares,
E' mulher d'hum de meus filhos.
Que a recebeu nos Altares.

Terceira e quarta é côr verde,
E sendo densa e copada,
Ao cançado caminhante
Abriga do sol na estrada.

Primeira e terceira formão
Preposição portugueza;
D'este nome huma cidade
Ha no Brasil com certeza.

Jogo d'azar dos rapazes
Tens na terceira e primeira;
Sempre só pequeno vemio
E natural da madeira.

Quarta e primeira é lista
Que somma muitas parcellas;
Contem varias regiões,
E demonstra o lugar d'ellas.

Quarta e segunda é objecto
Que o filho unico não tem;
Mas se o tiver algum dia
E' justo querer-lhe bem

E' propria para as crianças
A primeira e a primeira
D'hum humilde pescador
Me ensberbece a cadeira.

Na segunda co' a segunda
Prohibe Deos o adulterio ;
Tributo que o infantado
Tinha por feudal imperio.

A terceira co' a terceira
Fôrma cõsa pouca usada,
Entre nós verdade ou honra
Ja' assis vai sendo achada.

Unida a quarta co' a quarta
Todos nós gostámos bem,
Hoje beijar nos ententa
As fontes d'onde ella vem

De syllabas quatro o todo
Já sabes que fui formado ;
Se for hum o logogripho
Talvez nelle seja achado.

Sou differente do espelho,
E sem que seja cristal,
Represento qualquer cousa
Cõ-o o próprio original.

No tear sem ser formado,
E sem nunca ter verdura,
D'hum tecido e curtos troncos
Se arrauja miuhã structura.

CHARADA.

E' de pão, miuhas senhoras,
Que é de pão digo o repito,
E' de pão, e finalmente
E' de pão e tonho dito.

Decifrações do n. antecedente

CHARADAS.

- 1.^a — Fragata.
- 2.^a — Auenidade.
- 3.^a — Macfim.

A adivinhação exprime a letra — A —
O enigma quer dizer — XG — isto é,
noventa em conta romana.

O CORRESPONDENTE.

Havemo-nos recusado á publicação de artigos que nos tem sido dirigidos por alguns dos nossos assignantes, a quem alias devemos urbanidade e attentões, por isso que o seu objecto se não acha comprehendido em o numero das materias de que nos propozemos tratar no RECREADOR MINEIRO. Para conciliar, porem, o desejo que temos de servi-los com o dever, que nos impõe o programma desta folha, creámos outra com o titulo de — *Correspondente* — a qual será publicada em dias indeterminados, e se distribuirá gratuitamente pelos srs. assignantes do RECREADOR. Nella transcreveremos unicamente os annuncios, communicos e correspondencias de interesse publico ou particular, que nos forem remettidas, huma vez que venham legalmente reconhecidas.

O — *Recreador Mineiro* — publica-se nos dias 1.^o e 15 de todos os mezes.

A redacção desta folha occupará hum volume de 16 paginas em 4.^o, sendo alguns numeros acompanhados de uñ-las estampas. O seu preço é de 6:000 rs. por anno, e 3:000 rs. por seis mezes nesta Cidade do Ouro-preto; e fóra della 7:000 rs. annuaes, e 3:500 rs. por semestre, pagos aiantados, por isso que nesta quantia se inclue o porte do Correio. Cada nu nero avulso custará 400 rs., e 1:200 rs. levando estampas; as quaes todavia não augmentarão o preço d'assignatura. Subcreve-se na Typographia imparcial de Bernard Xavier Pinto de Sousa, a quem as pessoas de fóra, que desejarem subscriver, podem dirigir-se por carta sobre semelhante objecto.